

IDENTIDADE DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES DE MINORIAS NO ROMANCE *DO FUNDO DO POÇO SE VÊ A LUA*, DE JOCA REINERS TERRON

GENDER IDENTITY AND REPRESENTATIONS OF MINORITIES IN
THE ROMANCE *DO FUNDO DO POÇO SE VÊ A LUA*, BY JOCA
REINERS TERRON

IDENTIDAD DE GÉNERO Y REPRESENTACIONES MINORITARIAS
EN EL ROMANCE DEL FONDO BIEN VER LA LUNA, POR JOCA
REINERS TERRON

Marilise ZIBETTI*
Ana Paula Teixeira PORTO**

Resumo: Este trabalho busca refletir sobre como se configura a construção da identidade de gênero do personagem-narrador transexual Wilson a partir da análise de lembranças da infância e adolescência do narrador apresentadas no romance *Do fundo do Poço se vê a Lua*, de Joca Reiners Terron, o qual foi publicado em 2010. O livro abarca questões de memória, esquecimento, morte, violência e busca da identidade de gênero, além de apontar a infância como espaço mitológico nos anos finais da ditadura militar brasileira. Considerando esse contexto, o enfoque da pesquisa é discutir ainda conflitos de sujeitos que vivem à margem da sociedade, como Wilson, que, para se livrar da sombra do irmão gêmeo, o violento William, e da identidade masculina, se metamorfoseia em Cleópatra. Para alcançar esses objetos, o estudo, de natureza bibliográfica, ampara-se em pressupostos teóricos sobre representações de minorias e de gêneros na literatura, com contribuições de teóricos como David Foster e Guacira Louro.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Transexualidade; Literatura contemporânea.

Abstract: This work seeks to reflect on how the construction of the gender identity of the transsexual narrative character Wilson is constructed from the analysis of childhood and adolescence memories of the narrator presented in the novel *Do fundo*

* Mestra em Letras - área de concentração em Literatura Comparada, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI/FW (2019). Contato: marilisezibetti@hotmail.com.

** Doutorado em Letras (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Literatura Brasileira. Realizou estágio de Pós-doutorado sobre literatura angolana lusófona (2013) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora dos Programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras e em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, câmpus de Frederico Westphalen. Contato: anapaula@uri.edu.br.

do Poço (The Moon) by Joca Reiners Terron, which was published in 2010. The book covers issues of memory, forgetfulness, death, violence and the search for gender identity, as well as pointing to childhood as a mythological space in the final years of the Brazilian military dictatorship. Considering this context, the focus of the research is still to discuss conflicts of subjects living on the margins of society, such as Wilson, who, to get rid of the shadow of the twin brother, violent William, and male identity, metamorphoses into Cleopatra. To reach these objects, the bibliographical study is based on theoretical assumptions about representations of minorities and genres in literature, with contributions from theorists such as David Foster and Guacira Louro.

Keywords: Identity; Genre; Transsexuality; Contemporary literature.

Resumen: Este artículo busca reflexionar sobre la construcción de la construcción de la identidad de género del personaje narrador transexual Wilson a partir del análisis de los recuerdos de la infancia y adolescencia del narrador presentados en la novela de Joca Reiners Terron, que fue publicado en 2010. El libro cubre temas de memoria, olvido, muerte, violencia y la búsqueda de la identidad de género, además de señalar a la infancia como un espacio mitológico en los últimos años de la dictadura militar brasileña. Considerando este contexto, el foco de la investigación también es discutir los conflictos de los sujetos que viven al margen de la sociedad, como Wilson, quien, para deshacerse de la sombra de su hermano gemelo, el violento William, y de la identidad masculina, se metamorfosea en Cleopatra. Para alcanzar estos objetos, el estudio bibliográfico se basa en supuestos teóricos sobre representaciones de minorías y género en la literatura, con contribuciones de teóricos como David Foster y Guacira Louro.

Palabras clave: Identidad; Género; Transexualidad; Literatura contemporánea.

Introdução

Na mitologia grega, irmãos gêmeos representam a imortalidade. De acordo com Jean Chevalier (1991, p. 465), “todas as culturas e mitologias testemunham um interesse particular pelo fenômeno dos gêmeos”. Ressalta ainda que “quaisquer que sejam as formas pelas quais são imaginados, exprimem uma intervenção do *Além* e a dualidade de todo ser ou o dualismo de suas tendências, espirituais e materiais” (CHEVALIER, 1991, p. 465). Simbolizam, “em todas as tradições - deuses ou heróis - se desentendem ou se ajudam, marcando assim a ambivalência da sua situação, símbolo da sua própria situação de todo ser humano, dividido em si mesmo” (CHEVALIER, 1991, p. 465).

No livro *Do Fundo do Poço Se Vê a Lua*, escrito por Joca Reiners Terron em 2010, os gêmeos protagonistas Wilson e William não contam com a mesma sorte dos deuses gregos. Assim como nas histórias sobre gêmeos Caim e Abel, Rômulo e Remo, Castor e Pólux, no romance, um morre para que o outro possa viver. Nascidos em São Paulo, em 1967, órfãos de mãe, ex-militante política de extrema esquerda em plena ditadura militar brasileira, os rapazes são criados pelo pai, um ator. William e Wilson crescem juntos, mas as brincadeiras de infância logo dão conta de revelar que a semelhança entre eles é apenas física.

A concepção do duplo é muito antiga na história do mundo. Partindo dessa premissa, no contexto da narrativa de Terron, a condição de imortalidade é alternada entre os irmãos. O nome dos personagens remete ao conto de Edgar Allan Poe, *William Wilson*, pelas características aproximadas entre o conto e a história dos gêmeos, sendo apenas o começo de inúmeras referências à mitologia do duplo citadas no romance. Eles são gêmeos univitelinos, diferentes em sua psique, apesar de serem idênticos na aparência física, o que já os caracteriza em uma perspectiva bastante tradicional.

O pai dos gêmeos dizia que nas lendas mitológicas, sempre um era sacrificado, e tinha pavor da ideia de perder qualquer um deles: “Eu não posso perder vocês, não posso. Eu pensei então em arranjar uma forma de distrair a Morte, de fazer com que ela esqueça pra sempre os seus deveres profissionais” (TERRON, 2010, p. 156). O progenitor acreditava que se os meninos atuassem no teatro, distrairiam a morte porque, como conhecedor da mitologia, sabia da questão dual de gêmeos e da morte de um.

A questão do duplo caracteriza-se pela concentração de mais de um ser, dentro do mesmo ser, um unificado com o outro, como duas existências dentro da mesma vida. Ressalta-se, na narrativa, que a crise de identidade dos irmãos, bem como a de Wilson com sua identidade transexual, difere de outros duplos entre gêmeos, porque no romance observa-se que um dos irmãos é extremamente dependente do outro, William os vê como um: “Era sempre assim na cabeça de Willian. Éramos só nós dois e mais ninguém” (TERRON, 2010, p. 89), para ele, viver sem a companhia do irmão era não ser.

A abordagem da obra abre espaço para a representação de um mundo no qual as identidades estão em crise. Como esclarece Stuart

Hall (2011) “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo” (HALL, 2011, p. 9). O personagem principal Wilson tem uma identidade feminina, habitando um corpo masculino, o que o leva a investir em uma cirurgia de mudança de sexo. Tem-se assim um dos motes centrais do romance: a questão da transexualidade do personagem, que é também o narrador da obra. Entende-se por transexual, aqueles indivíduos que se consideram afetados por um transtorno, envolvendo a sua identidade de gênero, o que significa, nessa linguagem diagnóstica, que eles não se reconhecem no corpo com o qual vivem, podendo apresentar, inclusive, aversão intensa ao seu sexo biológico.

Após passar pela cirurgia, Wilson parte para o Egito com a ideia de conhecer o lugar onde se dera a vida e a obra de Cleópatra, sua “santa padroeira e pôr à prova o resultado da cirurgia” (TERRON, 2010, p. 193). Ao chegar lá, seu conto de fadas se transforma num pesadelo. Constata que “todo o esplendor ptolomaico estava submerso e enterra dona lama a seis metros de profundidade”, junto às suas ilusões (TERRON, 2010, p. 202). “Aqui tudo é cinza como é cinza a areia do deserto” (TERRON, 2010, p. 27), lamenta Wilson.

Em tal contexto, pode-se dizer que os espaços percorridos por Wilson são devastados, como se de cada lugar, levasse um elemento, que culminam em sua ruína. Tem um sentido de apego ao passado, de esperança no futuro, e o presente surge como indício da precariedade, que marca tanto o espaço físico quanto às relações pessoais e amorosas do personagem, pois se encontra sempre em ambientes decadentes e degradados.

Para a abordagem da temática escolhida, primeiramente, abordar-se-á discussões realizadas no campo da sexualidade, como essas questões são representadas, tanto no conteúdo quanto no modo como se manifestam. Na sequência far-se-á uma breve descrição da obra estudada, com levantamento de leituras pertinentes ao tema. Para finalizar, far-se-á a análise e discussão dos resultados, pois a obra tem muito a contar sobre os sujeitos, sobre a sociedade e sobre o contexto da contemporaneidade. Para alcançar esses objetos, o estudo, de natureza bibliográfica, ampara-se em pressupostos teóricos sobre representações de minorias e de gêneros na literatura, com contribuições dos autores David Foster e Guacira Louro.

A questão do gênero, identidade e corpo transexual

Para um melhor entendimento da opressão das categorias taxadas como minorias pela sociedade, cabe problematizar sobre a sexualidade e gênero, mostrando a luta de minorias sexuais – as não heterossexuais – para sair dessa repressão. Isso pode ser compreendido a partir de uma nova concepção composta por Louro (2008) que fala do mundo contemporâneo, no qual jovens passam a falar da insatisfação e desencanto, debatendo sobre novas teorias e conceitos, criando novas linguagens e desenvolvendo novas práticas sociais.

Segundo Louro (2004) na questão entre gêneros e sexualidade:

O grande desafio não é apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero venham sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivessem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver (LOURO, 2004, p. 34).

É fundamental entender que gênero é a construção social do sexo, definido como uma caracterização anatômica e fisiológica dos seres humanos. Há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou ser mulher só é realizada pela cultura. Estudos sobre gênero têm contribuído para esclarecer o seu significado, suas dimensões e quais os seus reflexos na realidade social. É preciso ter clareza que gênero difere do termo sexo, pois o mesmo foi criado para enfatizar que homem e mulher são categorias sociais construídas historicamente e não se restringem a características biológicas.

A cultura, diz Stuart Hall (1997), é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio. Daí porque não deve surpreender que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente uma forma física e compulsiva, e que as próprias

políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural. (HALL, 1997, p. 20)

Circunstanciando o conceito de gênero, Joan Scott (1995) enfatiza que "gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos" (SCOTT, 1995, p. 86). Por esse viés, ressalta-se que as relações sociais de poder, entre homens e mulheres, passam necessariamente pela distinção acerca do gênero dos indivíduos, possuindo como fator determinante as diferenças sexuais.

Em perspicaz e pertinente análise, Guacira Lopes Louro (2010), sustenta que nomear um corpo, masculino ou feminino, ocorre "no interior de uma lógica binária que supõe o sexo como um dado anterior à cultura e pretende lhe atribuir um caráter definitivo e a-histórico" (LOURO, 2010, p. 205). Entretanto, muitos sujeitos não se enquadram no gênero sob o qual nasceram e foram nomeados.

Nessa perspectiva, gênero se refere aos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, Bourdieu (1999) aponta que uma das grandes mudanças sociais no que diz respeito à questão de gênero. Refere-se ao fato de que a dominação masculina não é mais tida como algo indiscutível, no qual o "trabalho crítico" do movimento feminista possui ênfase, uma vez que através deste, em determinados âmbitos, se passou a questionar as evidências, "conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar". (BOURDIEU, 1999, p. 106)

Essas ponderações levam a pensar na construção a identidade. Stuart Hall (2011) enfatiza que "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (HALL, 2011, p. 13). "A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2011, p. 13). Portanto, pode-se estar sujeito às regras sociais que não agem com piedade com quem as transgride. Nesse sentido, Bauman (2005) argumenta que

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas,

estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p.91-92)

É perfeitamente plausível a hipótese de que esses indivíduos vivem à margem da sociedade, enfrentando preconceitos e discriminações, sempre baseados em determinados estereótipos físicos, que os desqualificam como seres humanos. Por essa razão, aos gays e às lésbicas não é conferida uma identidade fixa, pois, não se encaixando no paradigma homem/mulher, masculino/feminino, são arremessados para outras categorias, qualquer que seja.

Sobre essa questão das identidades, David William Foster (2000) postula:

Las identidades pueden concebirse como fijas o como estratégicas. Ha sido muy importante en nuestra vida social subscribir a identidades fijas, sean de índole nacional(ista), étnica/racial, lingüística o sexualy, a veces, la sangre corre como resultado de la imposición, la transgresión, la opresión de estas identidades. (FOSTER, 2000 p. 39)

Em análise convergente, pode-se afirmar que todo indivíduo que não segue o padrão moral socialmente estabelecido e que, por esse motivo, assume uma “postura antiética”, está condenado a pagar por isso, e as punições são severas, por se assentarem em forte discriminação e em sólido preconceito. Essas atitudes violentas são, muitas vezes, justificadas como forma de punição àquilo que alguns indivíduos consideram “anormal”.

Louro (2004) explica que:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. [...] Esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente

experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. (LOURO, 2004 p. 87)

A história da sexualidade revela que as práticas sexuais, ao longo dos tempos, nem sempre foram vistas e concebidas da mesma forma. Dito em outros termos, as representações sociais da sexualidade têm se modificado com o passar dos séculos, alterando conceitos, reconstruindo paradigmas e renovando ideias. Vai-se construindo uma percepção subjetiva de ser masculino ou feminino conforme os atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para os homens e para as mulheres ou a partir da “oposição” entre os gêneros.

Deste modo, considera-se que a categoria gênero é um instrumento fundamental para análise social, pois contribui para compreensão da dinâmica social e busca estratégias que contribuam para minimização da desigualdade de gênero, bem como para eliminação de práticas de violência, preconceito e discriminação. Tal reflexão tem sua importância também por auxiliar no enfrentamento da desigualdade social, presente de maneira acentuada no sistema capitalista, o qual intensifica o patriarcado e a dominação de uns sobre os outros.

Apesar de todas as considerações quanto a este fim, o processo de construção de identidade depende, além de escolhas pessoais, da influência do meio e da história pessoal de cada indivíduo, das experiências que este vivenciou. A transexualidade é uma realidade, que não deve ser ignorada pelo estado nem pela própria sociedade. O transexual não deixou de ser pessoa por não seguir os parâmetros pré-estabelecidos de orientação sexual da cultura contemporânea, devendo ser respeitado com todas as suas peculiaridades, pois como sujeito de direito permanece a tutela de sua personalidade.

A sexualidade é uma construção social, a qual vem sofrendo transformações ao longo do tempo. A identidade de gênero abre um leque enorme de escolhas e possibilidades e segundo Giddens (2002) “a identidade de gênero e como deve se expressar tornou-se por sua vez uma opção de questões múltiplas, chegando até a incluir a escolha de continuar a pertencer anatomicamente ao mesmo sexo ao qual nasceu” (GIDDENS, 2002, p. 200).

Em suas contundentes observações, Louro (2003) explicita que a pretensão é que “compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 2003, p. 24). O mundo contemporâneo cria novas formas de sociabilidade, processos de produção, assim como cria e modifica continuamente as identidades individuais e coletivas.

Diante desse cenário mundial globalizado e conectado, que apresenta inúmeros desafios para as pessoas, a construção de identidades plurais deve ser respeitada como caminho para o entendimento da diversidade como condição inerente ao fazer-se humano. Para adequar-se ao atual estágio da modernidade, deve-se buscar ultrapassar a rejeição à diversidade de identidades de gênero existentes trazendo a questão para o debate. Em suas contundentes observações Butler (2014) esclarece que a identidade de gênero, como construção social, está em permanente modificação e portanto, é uma construção cultural complexa.

Acompanhando as ideias propostas por Louro (2008), observa-se que as possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, p. 22). As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de amar e ser amado são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas.

Do fundo do poço se vê a lua

A obra *Do Fundo do Poço se Vê a Lua* (2010) sagrou-se vencedora do Prêmio Machado de Assis de Melhor Romance de 2010, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. Nascido do Projeto “Amores Expressos”, apresenta uma narrativa recheada de conflitos de uma transexual, que assim como os espaços que caminha, revela sua história de frustrações. O romance traz à tona um tema polêmico, complexo e recorrente na literatura: a questão da identidade de gênero.

O texto mostra um personagem, no caso Wilson, narrando sua história desde a infância até a fase adulta, quando resolve fazer a cirurgia de mudança de sexo. Partindo desse pressuposto, Anthony Giddens (2002) afirma que “a identidade de gênero e como deve se expressar tornou-se por sua vez uma questão de opções múltiplas, chegando até a incluir a escolha de continuar a pertencer anatomicamente, ao mesmo sexo com o qual se nasceu.” (GIDDENS, 2002, p. 200). E, dessa maneira, Wilson opta por modificar sua anatomia, tornando-se uma figura que lembra Cleópatra (Cleo, como ele se refere), de quem é ídolo.

A ação na época em que passa pela mudança de sexo é para Wilson/Cleo, impregnada de intensidade, com imenso valor emocional, um momento de mudança de vida. Os descaminhos pelos quais se embrenha a tornam uma criatura fracassada e sem identidade. Sua última morada, um poço seco a céu aberto, é tão aniquilado quanto os outros espaços devastados por que passara, e certamente o pior. No meio do deserto, literalmente no fundo do poço, chega o fim para Cleo. Tem a lua e as estrelas por testemunhas, é um nada no deserto.

É de essencial importância ressaltar que enquanto William é masculino, viril, tanto internamente quanto na aparência externa, Wilson sente-se desde sempre diferente: feminino, tem uma inteligência mais sofisticada e cresce com referenciais nada convencionais. Um desses referenciais, a figura de Cleópatra, se transformará na obsessão que irá guiá-lo por toda a vida na busca de sua própria identidade. Sendo assim, Wilson, através da cirurgia, renasce pela segunda vez, mas desta vez como mulher: “Percebi muito cedo que poderia nascer de novo. E renasci mesmo, numa mesa de cirurgia... É necessário, porém, esclarecer que muita coisa aconteceu entre esses dois nascimentos, e que tudo partiu de um simples equívoco”. (TERRON, 2010 p. 20). Portanto, sua crise identitária não é só psicológica, mas física também. Como pondera Hall (2011), “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p. 13).

A ânsia de tornar-se uma transexual era uma maneira de tentar dar sentido para a vida. Porém dado momento, Cleo demonstra arrependimento em relação à cirurgia. Fica em dúvida e comenta “... eu

não sabia mais quem era, e comecei a cogitar que minha identidade pudesse ter sido usurpada em algum momento” (TERRON, 2010, p.250). Em diversas passagens da narrativa, essa concepção é perceptível, pois em alguns momentos Cleo sente-se um nada, e em outros, uma rainha.

Nota-se uma profunda confusão que sofre a protagonista, não é mulher, não é homem, não tem família e está distante de sua terra natal. Sem identidade nenhuma e sozinha no mundo. Reforçando essa análise, Madalena Machado postula que,

Num mundo criador de novas formas de fragmentação e dispersão através de uma velocidade cada vez mais frenética, a autoidentidade se torna uma espécie de escolha de estilo de vida. Assim como o corpo se torna cada vez mais uma questão de escolhas e opções, a falta de sentido pessoal também cresce junto das questões existenciais sempre emergentes (MACHADO, 2008, p. 456).

As ideias acima desenvolvidas sugerem que, após a cirurgia de mudança de sexo, Cleo não sofre apenas uma mudança física, mas vai muito além. Uma mudança radical que trouxe esperança e alegria à personagem, como ela própria confessa: “Aquele foi o dia mais feliz de minha vida – a última rainha do Egito veio ao mundo naquela tarde” (TERRON, 2010, p. 189). Desenvolveu certa obsessão por admirar-se no espelho e comenta:

Depois de realizar a cirurgia, sofri um transtorno inesperado. Se antes o que eu mais desejava era ser a cópia sem falsificações, evitando ao máximo olhar para certos detalhes entre minhas pernas, a partir da mudança de sexo não quis outra coisa a não ser ficar em frente à minha imagem refletida (TERRON, 2010, p. 192-193).

É plausível verificar que, Wilson passa finalmente a se sentir uma mulher, não fosse o fato de não menstruar ou de não poder gerar filho, sonho que alimentava desde que se tornou uma transexual, aos vinte anos. Com sua primeira identidade apagada da memória e dos papéis, tenta vivenciar o novo com seus documentos, trazendo o nome de uma rainha, como se fosse possível viver a vida de Cleópatra. No romance, assumir outra identidade permite à Cleo fugir da realidade e, de certa forma, ressignifica sua vida desgastada, vazia, sem rumo.

Reinventar-se é uma maneira de fugir de si mesma, do que nunca gostaria de ter sido, e de dar sentido à sua existência. O grande problema enfrentado por ela no final da jornada é justamente o fato de não ser aceita como mulher, uma vez que nasceu homem.

Diante de uma sociedade repressiva e heterossexual, os estereótipos padronizam ações, comportamentos e características, aqueles que saem das características binárias homem *versus* mulher são marginalizados e estigmatizados. Wilson pode ser considerado uma pessoa que está à margem da sociedade, devido a sua sexualidade diferenciada, ou seja, sente-se um indivíduo fragmentado. Há, portanto, a presença inegável de um duplo, um outro “eu”. Ele, categoricamente, afirma: “não sou um homem vestido de mulher” (TERRON, 2010, p. 128). A narradora protagonista destoa dos padrões sociais, por ser uma transexual, cuja existência esteve envolta em conflitos consigo mesma e com o mundo que a acolheu, uma vez que a sociedade não consegue ser benevolente com aqueles que descumprem suas regras moralistas, principalmente no que diz respeito à questão da sexualidade (SANCHES, 2010, p. 87).

A reprovação social, a violência simbólica, a punição física e mental são uma constante na vida dos “diferentes”, tal fato precisa ser continuamente combatido por eles. No caso dos transexuais e travestis, a violência é mais latente, para corroborar com a afirmação, no romance se evidencia isso quando Wilson relata: “Todos estão acostumados com a perseguição: eles são perseguidos pelos familiares envergonhados, pelos cafetões, pela polícia, pelos amantes, todo mundo querendo extorqui-los.” (TERRON, 2010, p. 130). Nessa perspectiva, pode-se indagar: nossa sociedade está preparada para conviver com a alteridade?

Em última análise, verifica-se que o protagonista vive um embate constante em relação ao pertencimento de gênero, é do sexo masculino, mas ao mesmo tempo do gênero feminino. Isso demonstra a tentativa de convivência pacífica entre gêneros num mesmo corpo e a pressão cultural para que ele escolha um dos lados binários, homem ou mulher. Com essa ideia, pode-se pressupor que, em relação ao binarismo masculino *versus* feminino, o gênero dá aos sujeitos uma enorme possibilidade de escolha entre diferentes jeitos de ser homem e mulher (BUTLER, 2014).

Os fatos acima elencados demonstram que, assim como o caos domina as ruas do Cairo, William sai da cidade de São Paulo e vai ao Egito procurar quem não encontraria mais, seu irmão Wilson. Esse encontro não aconteceu, porque Wilson deixou de existir duas vezes. Primeiro como homem, ao se transformar em Cleópatra, e segundo porque não habitava mais o mundo dos vivos. O temor do pai tornara-se realidade. “Nunca mais William e Wilson” (TERRON, 2010, p. 279).

Considerações Finais

Conceitos não são estáveis nem definitivos, variando conforme o período histórico, o local, a cultura e o contexto em que são usados, sendo frequentemente ressignificados. A leitura da narrativa, organizada por meio de memórias de uma personagem transexual, que vive uma crise constante com seu “eu”, possibilitou perceber a vulnerabilidade dos transexuais, suas experiências precárias e drásticas, sendo excluídas de seus direitos e vítimas de violências em seu cotidiano. Precisa-se refletir acerca da sexualidade e dar significativa importância a alteridade humana e a todas as suas manifestações.

A identidade de gênero é construída ao longo da vida a partir da base biológica, da imagem física, de como a pessoa é tratada e de como ela se sente. Salienta-se que, na condição de transexual, a narradora protagonista apresenta-se com diferentes identidades, numa ânsia constante de dar sentido à sua vida. Essas novas identidades são cercadas pelo estigma e desinformação. Louro (2000) explicita: “As identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõem classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação” (LOURO, 2000, p. 63).

Diante das questões que foram mencionadas no trabalho, conceitos que ainda persistem em nossa sociedade, que polarizam homens e mulheres e excluem aqueles que se diferenciam sexualmente, percebe-se que o estereótipo ligado aos gêneros precisa ser desmistificado. Desfazer o gênero faz parte da multiplicidade da diversidade sexual humana, pois viabiliza interfaces culturais que vem

atravessadas e banhadas por situações de preconceito, violência e discriminação.

Muitas dessas características culturais vêm paulatinamente sendo quebradas, abordar essas e outras questões contribuirá com a tentativa de desconstrução de alguns conceitos já naturalizados. É importante ressaltar que a ideia de identidade não pode ser percebida como algo estanque, como se todas fossem semelhantes entre si: a formação da identidade é antes de tudo um processo, ela é formada ao longo do tempo e não é inata. (BUTLER, 2014) Precisa-se desmistificar a ideia de que na “categoria homossexual” todas as pessoas que aí se enquadram são idênticas, com mesmas características e mesmos comportamentos. Isso parece ser uma proposta do romance, contribuindo para que um tema tão complexo possa ser alvo da reflexão do leitor.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

FOSTER, David William. **Producción cultural e identidades homoeróticas**: teoría y aplicaciones. São José: Editorial de laUniversidad de Costa Rica, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes Pós-Modernos II. In: LOPES, L.; BASTOS, L. **Para Além da identidade**: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 203-213.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

LOURO, G.L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, 2008.

MACHADO, Madalena Aparecida. **O Homem da pós-modernidade**: A literatura em reunião. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

TERRON, Joca Reiners. **Do fundo do poço se vê a lua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANCHES, Rozenice Evangelista. A arte do narrador do romance *Do Fundo do Poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron. **Revista Athena**, v. 6, n. 1, p. 43-111, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Recebido em: 23/10/2019

Aceito em: 20/11/2019